

PROJETO A ESCOLA VAI À ÓPERA: MÚSICA, EMOÇÃO E RECEPÇÃO EM UM PROJETO ALICERÇADO NA INTEGRAÇÃO ACADÊMICA, SOCIAL E NA TRANSDISCIPLINARIDADE

PROJECT THE SCHOOL GOES TO THE OPERA: MUSIC, EMOTION AND RECEPTION IN A PROJECT BASED ON ACADEMIC AND SOCIAL INTEGRATION AND ON TRANSDISCIPLINARITY

Maria José Chevitarese¹

Ana Claudia Reis²

RESUMO: A idealização do projeto “A escola vai à ópera” se traduz na possibilidade de introduzir o público infanto-juvenil, proveniente da rede pública de ensino do Rio de Janeiro e municípios vizinhos, no mundo da ópera, através de um espetáculo em língua cantada que encanta desde o primeiro momento. A montagem de um espetáculo de ópera possibilita a promoção de intercâmbio entre diferentes modalidades artísticas que permeiam a execução de uma ópera, tais como música, literatura, artes plásticas e dramaturgia. Esse intercâmbio proporciona aos alunos de graduação da UFRJ envolvidos na execução do projeto a oportunidade de ampliar os conhecimentos adquiridos no decorrer de sua jornada acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: “A escola vai à ópera”, música, literatura, artes plásticas, ensino.

ABSTRACT: *The idealization of the project “A escola vai à ópera” is translated into the possibility of introducing the youth audience, from the state school of Rio de Janeiro and neighboring municipalities, to the world of music lyric through a sung-singing show that charms from the first moment. The creation of a musical show allows the promotion of interchange between different artistic modes that permeate the execution of a melodrama, such as music, literature, fine arts and dramaturgy. This exchange gives students UFRJ students involved in the project the opportunity to expand the knowledge gained in their academic course.*

KEYWORDS: “A escola vai à ópera”, music, literature, plastic arts, teaching.

INTRODUÇÃO

Foi pensando nas crianças brasileiras, pouco habituadas a ouvir um espetáculo de ópera, e no imenso talento dos jovens alunos da Universidade Federal do Rio de

1 Professora Titular de Canto Coral da UFRJ e Diretora da Escola de Música da UFRJ.

2 Professora Doutora substituta de Regência Coral da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias-RJ.

Janeiro que idealizei o projeto “A escola vai à ópera”. A possibilidade de introduzir o público infanto-juvenil, proveniente da rede pública de ensino do Rio de Janeiro e municípios vizinhos, no mundo da ópera, através de um espetáculo em língua me encantou desde o primeiro momento. A montagem de um espetáculo de ópera possibilita a promoção de intercâmbio entre diferentes modalidades artísticas que permeiam a execução de uma ópera, tais como música, literatura, artes plásticas e dramaturgia. Esse intercâmbio proporciona aos alunos de graduação da UFRJ envolvidos na execução do projeto a oportunidade de ampliar os conhecimentos adquiridos no decorrer de sua jornada acadêmica. Através da participação no projeto, o currículo destes alunos é enriquecido e consequentemente aumentam suas chances de inserção no mercado de trabalho. Além dos benefícios descritos anteriormente aos alunos da UFRJ, o projeto nos possibilita apresentar a linguagem da ópera principalmente aos jovens da rede pública de ensino, nosso público-alvo, promovendo a inclusão sociocultural destes e a formação de plateia por meio de um espetáculo com temática e linguagem apropriada para esta faixa etária.

Este projeto serviu de base para pesquisarmos as emoções vivenciadas pelo público durante a performance de uma ópera infantil. Interessou-nos investigar em que medida houve um real envolvimento do público com a ópera e quais as emoções que a obra despertou nos ouvintes. De acordo com Juslin e Persson (2002), as relações entre música e emoção têm sido alvo de atenção desde a antiguidade. Os antigos gregos já afirmavam que específicas características musicais estão associadas a determinadas emoções. Nos séculos XVIII e XIX, a teoria dos afetos também tratou deste tema. Desde então, numerosas teorias a respeito de música e emoção têm sido desenvolvidas por Langer (1942), Meyer (1956), Cooke (1959), Clynes (1977). Através destas pesquisas, muito tem se aprendido a respeito de como diferentes aspectos da composição musical e de sua performance podem influenciar reações emocionais nos ouvintes (JUSLIN e PERSSON, 2002, p. 220).

Interessa-nos a conhecer em que medida os ouvintes da ópera encenada através do projeto “A escola vai à ópera” foram afetados por esta montagem. Para este estudo, escolhemos a ópera “O limpador de Chaminés”, de Benjamin Britten, e, como público-alvo, focamos em duas escolas: o Educandário Gonçalves de Araújo e o Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos, o CREJA. Através de entrevistas semiestruturadas, com as crianças e adolescentes do Educandário e adultos estudantes do CREJA que estiveram presentes ao espetáculo, buscamos compreender como a música e a mensagem da obra chegaram até os ouvintes. Interessa-nos compreender se a audiência foi um agente passivo ou ativo, refletindo ou não sobre a obra, se envolvendo emocionalmente ou não.

O PROJETO:

O projeto “A escola vai à ópera” tem como objetivos:

1. Integrar as diversas instâncias acadêmicas da UFRJ (Docentes, discentes de graduação e pós-graduação, técnicos administrativos e projetos de extensão);
2. Colocar os alunos em contato com outros saberes, ampliando seu conhecimento;
3. Fazer o intercâmbio saudável entre universidade e sociedade;
4. Proporcionar ao público infanto-juvenil da rede pública a oportunidade de entrar em contato com uma ópera infantil, lazer que mescla várias modalidades de expressão artística como música, teatro, artes plásticas, além da literatura.

QUESTÕES QUE NORTEARAM A IDEALIZAÇÃO DESTES PROJETO

A Universidade Federal do Rio de Janeiro é uma universidade plural no que diz respeito a seus cursos de bacharelado e licenciatura. A Escola de Música da UFRJ possui 26 bacharelados, que inclui todos os instrumentos de orquestra, além de Regência Orquestral, Regência Coral, Composição, Piano, Órgão, Cravo, Canto, um curso de Licenciatura em Música e o Coral Infantil da UFRJ, projeto de extensão universitária. Temos uma Escola de Belas Artes com os cursos de Indumentária e Figurino, uma Escola de Comunicação com o curso de Direção Cênica e uma equipe de iluminação denominada SUAT – Sistema Universitário de Apoio Teatral. Todos estes alunos precisam colocar em prática aquilo que vêm desenvolvendo em seus cursos. Não é razoável que fiquem apenas no estudo teórico, sem uma prática que torne os seus conhecimentos mais significativos. É no fazer que surgem os problemas e onde se faz necessário unir técnica e criatividade para encontrar soluções que viabilizem a execução do projeto. Nada melhor do que a montagem de uma ópera para unir ensino, pesquisa e extensão universitária.

Por outro lado, como sabemos, em 2008 foi sancionada pelo Governo Federal a lei 11.769, que torna obrigatório o ensino de música na educação básica. Esta alteração, referente à disciplina artes, trata especificamente do ensino de música descrito no § 6º do artigo 26 da LDB/96.

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 20 deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.769, de 2008)

Segundo Sobreira (2008, p. 49-51), a lei 11.769 não defende a exclusividade do educador musical para ministrar o ensino da música, mas também não sugere a exclusão deste profissional. A autora afirma que na época da promulgação da lei já

havia uma preocupação com a formação docente dos profissionais que atuavam nas escolas públicas e com a carência de professores para realizar esse trabalho específico.

Essa questão da carência de professores ainda é vigente e um dos caminhos apontados por Sobreira para viabilizar um ensino de qualidade e amenizar o problema seria a aproximação e o trabalho colaborativo com as escolas formadoras e professores atuantes no ensino público, ou seja, estreitar os laços entre as instituições formadoras e as escolas públicas. (SOBREIRA, 2008, p.51)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs de Artes,

[...] Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos, é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. (BRASIL, 1997, p.54)

Uma importante questão refere-se à preparação dos jovens que irão assistir ao espetáculo, para que ocorra uma escuta significativa e uma apreciação musical consistente. Para maior integração e sensibilização destes alunos, todas as escolas inscritas no projeto recebem, com antecedência de dois meses, o libreto da ópera que será encenada para que os professores tenham oportunidade de trabalhar o tema proposto integrado aos conteúdos de outras disciplinas. (REIS, CHEVITARESE, 2014)

Nesta direção, o projeto “A escola vai à ópera”, que tem como objetivo principal promover apresentações de óperas, com temáticas infantis, na Escola de Música da UFRJ, vem contribuir como um espaço onde crianças e jovens têm oportunidade de acesso a este gênero musical, rompendo pré-conceitos, promovendo a inclusão social e ampliando o seu universo cultural. O projeto tem ainda como proposta o aprimoramento da escuta e da apreciação musical, e a formação de plateia crítica e consciente. (REIS, CHEVITARESE, 2014)

Nos PCNs Artes (BRASIL, 1998, p. 81 e 82), encontramos alguns objetivos gerais para o ensino da música que são observados e contemplados no projeto “A escola vai à ópera”. Dentre eles podemos destacar:

- Interpretar e apreciar músicas do próprio meio sociocultural e as nacionais e internacionais, que fazem parte do conhecimento musical construído pela humanidade no decorrer de sua história e nos diferentes espaços geográficos, estabelecendo inter-relações com as outras modalidades artísticas e as demais áreas do conhecimento.
- Conhecer, apreciar e adotar atitudes de respeito diante da variedade de manifestações musicais e analisar as interpenetrações que se dão contemporaneamente entre elas, refletindo sobre suas respectivas estéticas e valores.

- Valorizar as diversas culturas musicais, especialmente as brasileiras, estabelecendo relações entre a música produzida na escola, as veiculadas pelas mídias e as que são produzidas individualmente e/ou por grupos musicais da localidade e região, bem como procurar a participação em eventos musicais de cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, buscando enriquecer suas criações, interpretações musicais e momentos de apreciação musical.
- Adquirir conhecimento sobre profissões e profissionais da área musical, considerando diferentes áreas de atuação e características do trabalho.

Segundo os PCNs,

...conhecendo e apreciando músicas de seu meio sociocultural e do conhecimento musical construído pela humanidade em diferentes períodos históricos e espaços geográficos, o aluno pode aprender a valorizar essa diversidade sem preconceitos estéticos, étnicos, culturais e de gênero (BRASIL, 1998, p.79).

Observamos então que dentre os objetivos para o ensino da música está a valorização da diversidade cultural. Proporcionando acesso às diversas manifestações musicais, a escola promove a inclusão cultural e social dos alunos.

Neste sentido, o projeto “A escola vai à ópera” vem contribuir simultaneamente em duas vertentes:

1. Em relação aos alunos da rede pública, que são os espectadores para quem a ópera é destinada em primeiro plano, a participação no projeto contribui para cultivar hábitos de escuta musical das diferentes manifestações musicais, dando a oportunidade de entrar em contato com outras linguagens da produção musical e com o universo da literatura infantil, através dos libretos das óperas. (REIS, CHEVITARESE, 2014)

Com esta iniciativa, poderemos ampliar o leque de opções de lazer e ainda aguçar o interesse musical destas crianças e jovens contribuindo para que reflitam sobre a temática abordada nas óperas. Como consequência, pais e responsáveis também poderão experimentar novas sensações envolvendo a arte e até mesmo romper possíveis barreiras pré-conceituais que possam vir a existir com relação ao estilo musical conhecido como ‘música clássica’. Por se tratar de uma ópera infantil, em vernáculo, o interesse por parte do público tende a ser grande. Aliado a isto há a questão de ser uma obra com temática de fácil identificação por parte do público infanto-juvenil.

2. Em relação aos alunos da universidade, a produção de uma ópera envolve profissionais das mais diferentes áreas, numa interação bastante forte entre música, artes plásticas, teatro e comunicação. Um espetáculo desta natureza permite que alunos, professores e técnicos administrativos trabalhem lado a lado, numa rica troca de saberes. Além disso os alunos têm a oportunidade de criar e buscar soluções inovadoras para cada problema

que surge durante a execução do projeto. Aprendem a trabalhar em equipe, entram em contato com o público, contribuindo para o processo de transformação sociocultural das crianças que participam do projeto. Todo esse processo contribui de maneira extremamente positiva para a formação técnico-pessoal, social e humanística de nossos alunos.

Na área da performance, a execução da ópera permite que os alunos dos diversos cursos envolvidos possam colocar em prática os conhecimentos teóricos que vêm acumulando em seus estudos, sob a orientação de docentes das respectivas áreas. Estão envolvidos neste projeto o Coral Infantil da UFRJ, alunos de mestrado, licenciatura e bacharelado em: Canto, Regência Coral e Orquestral, Percussão, Piano, Violino, Viola, Violoncelo, Contrabaixo, Flauta, Oboé, Clarineta, Trompa, Trompete, Fagote da Escola de Música; alunos da graduação da Escola de Belas Artes: Cenografia, Figurino; alunos de graduação, mestrado e doutorado da Escola de Comunicação: Direção Teatral; com a supervisão de um profissional de sua área.

O ATO DA ESCUTA: PASSIVO OU ATIVO?

Outra discussão relevante e que se faz necessária é em relação à passividade ou não das pessoas que assistem a uma ópera. De acordo com Marisa Fonterrada, “o ato da escuta não é passivo nem se limita ao ouvido; o homem “ouve” com o corpo todo” (FONTERRADA, 2008, p. 273).

Mas como se processa esta comunicação? De acordo com Juslin e Persson (2002, p. 222), uma comunicação precisa ocorre na medida em que as intenções do performer são entendidas pelos ouvintes. Pesquisas realizadas por Behrens & Green (1993), Gabrielsson & Juslin (1996), Juslin (1997, 2000), Juslin & Madison, (1999), Sundeborg, Iwarsson & Hagegard (1995), entre outros, confirmam que os intérpretes são capazes de transmitir com clareza a emoção que desejam para o ouvinte, através de maneiras de executar a obra. Assim, emoções como felicidade, tristeza, raiva, medo ou ternura podem ser percebidas a partir da forma como o performer executa a peça. Juslin e Persson (2002, p. 223) citam por exemplo que a “alegria” está vinculada a um andamento mais rápido, articulações em sonoridade mais forte, enquanto a “tristeza” estaria relacionada a um andamento mais lento, com poucas variações de articulação, um som mais piano, leve vibrato, finais em *ritardando* e frases desacelerando.

Juslin e Persson (2002, p. 225) tomam ainda como hipótese que a origem dos códigos sonoros utilizados pelos intérpretes está relacionada com a fala. Por exemplo, a expressão vocal de “tristeza” envolve uma fala mais lenta, com baixa intensidade e pouca energia, semelhante aos padrões utilizados na música para transmitir

este tipo de emoção. Assim, parece existir um código interno para a comunicação acústica da emoção, em paralelo com os códigos utilizados na fala, para transmissão de emoções semelhantes na música. Segundo os autores, outro fato que influencia o desempenho da expressão emocional é o aprendizado social e as memórias específicas. A forma como falamos ao aprovar ou reprovar algum comportamento, ao demonstrar medo ou segurança, alegria ou tristeza é guardada em nossa memória. As mais diferentes modulações na fala são vivenciadas por todos nós durante todos os momentos da vida e vão se acumulando como experiências sonoras. Os intérpretes fazem uso destas modulações para transmitir emoções semelhantes na música. Assim, as experiências vividas extra musicalmente são cruciais na aprendizagem da expressividade na performance. (WOOD, apud JUSLIN e PERSSON, 2000).

O LIMPADOR DE CHAMINÉS DE BENJAMIN BRITTEN

Para melhor esclarecer a respeito desta questão vamos exemplificar com a ópera realizada em 2015: *O limpador de chaminés*, de Benjamin Britten.

A ópera conta a história de Quinzinho, uma criança que é vendida pelo pai para ajudar a sustentar o resto da família. Sob as ordens do novo senhor, ele é forçado a trabalhar como limpador de chaminés de casas, sem direito a estudar, brincar, nem tomar banho. Com a ajuda de outras crianças, Quinzinho consegue se libertar desse trabalho e volta livre para casa. O tema abordado pela ópera – o trabalho infantil – foi também trabalhado em sala de aula pelas escolas, servindo como ponto de partida para reflexões a respeito desta temática ainda tão presente em nossa sociedade.

Buscando conhecer em que medida a ópera funcionou como reflexão sobre o tema e como experiência de apreciação musical, foram feitas entrevistas semiestruturadas com duas escolas: Educandário Gonçalves de Araújo e CREJA. Destacamos aqui algumas perguntas e respostas obtidas:

P: Você já tinha tido a oportunidade de assistir a uma ópera? Se já assistiu, gostou?

EDUCANDÁRIO

- 17 alunos nunca haviam assistido a uma ópera.
- 1 aluno só assistiu pela televisão.
- 12 alunos assistiram à ópera *Godó, o bobo alegre*, de Francisco Mignone com libreto de Pedro Bloch, apresentada em 2013 pelo projeto “A escola vai à ópera”.
- Todos responderam que gostaram de assistir à ópera.

CREJA

Aldanere: – Não. Foi interessante. Gostei ali de uma parte porque mostra uma realidade que passa [...]. Isto foi como aconteceu da minha parte, pra mim poder cuidar dos meus irmãos eu tive que trabalhar com nove anos [...].

Maria: – Não. Aqui no CREJA aparecem várias coisas assim pra gente ir, mas como aquela não [...]. Eu fui mais de uma vez [...].

Maurina: – Não, foi a primeira vez. Me emocionei, fiquei tão feliz, eu falei: “Caramba, não acredito que eu tô aqui passando por isso aqui, tô vendo as coisas tão maravilhosas dessas”.

P: O que você achou da apresentação da ópera “O Limpador de Chaminés”? Você compreendeu, gostou da obra?

EDUCANDÁRIO

Thaysa, 11 anos: – Achei bem atuada. A voz atingiu um tom perfeito. Foi muito legal assistir esta ópera. Gostei muito. Compreendi tudo.

Kauany, 16 anos: – Eu achei muito bom. Eu fiquei encantada, na verdade. Antes de ter assistido não me interessava por ópera, mas a partir daquele dia eu comecei a gostar e o professor trouxe aqui pra escola também pra gente. Aí eu gostei.

Maria Eduarda, 12 anos: – Eu gostei porque foi uma maneira diferente de mostrar o trabalho escravo, de crianças.

Ricardo, 13 anos: – Achei uma coisa muito nova né, porque pra mim, eu nunca tinha assistido uma ópera, nunca tinha gostado, mas quando eu vi, eu comecei a interagir, comecei a ficar interessado na ópera e até estou começando a assistir algumas, né [...].

CREJA

Eder: – Eu achei muito interessante porque que eu nunca tinha assistido assim um teatro com canto.

Amanda: – Gostei, gostei muito. Achei muito importante [...] música é muito importante na educação. É uma pena que às vezes não é tão valorizada nas escolas.

Rômulo: – Achei bacana porque eu nunca tinha ido. Eu via sempre pela televisão aquele Pavarotti [...]. Eu nunca tinha tido oportunidade. Eu moro aqui no centro cercado de teatro. [...] passo perto deles todinho e não entro [...].

Elizeth: – Eu achei muito bonito. Fiquei lembrando quando eu era pequena e quando meu pai fazia negócio de carvão [...]. Aí a hora que aquelas crianças apareceu todas sujas, eu falei “gente eu tô me vendo, tô me vendo lá no palco” [...].

P: O que mais te chamou atenção ao assistir ao espetáculo?

EDUCANDÁRIO

Rafaele, 11 anos: – Foi quando o menino Quinzinho foi devolvido para o pai.

Pedro Victor, 12 anos: – Foi naquela parte que o menino estava cantando, e o coral estava cantando todo mundo junto, estava lindo, tudo afinadinho, e aquelas criancinhas pequeninhas. Muito bonitinho!

Alexandra, 13 anos: – O que mais me chamou a atenção foram as crianças pequenininhas, que eu fiquei muito assim, muito surpreendida. As crianças pequenininhas já sabendo cantar ópera e quando começou a soltar as bolhas de [...], aquelas bolhas e pensei que eu estava ali, tipo junto com eles.

Thaís, 11 anos: – O que mais me chamou atenção? Como vou dizer [...]. Foi como a voz daquelas garotas conseguia atingir todas aquelas notas e eu não conseguia.

Lara, 14 anos: – Habilidade. Habilidade de cantar, de se preocupar com a pronúncia, habilidade de apresentar a peça, porque eu já fiz teatro e é uma coisa muito complicada dos dois juntos, de chamar a atenção e manter a atenção.

Maria Eduarda, 12 anos: – Foi de uma criança trabalhar numa casa assim, ser comprada.

Hudson, 14 anos: – Foi o jeito deles se apresentarem e o modo deles cantarem que chamou mais atenção do pessoal e foi como se a gente tivesse participando também junto com eles.

CREJA

Aldanere: – Foi que quando já estava terminando deram banho nele, arrumaram ele todinho, colocaram aquela roupa nele, ele ficou todo bonitinho, né. Porque quando a gente está sujo a gente fica feio e quando a gente está limpo a gente se torna bonito. [...] foi o que chamou mais a minha atenção. Porque foi dali que ele foi participar da brincadeira [...].

Rômulo: – Que criança não pode trabalhar de escravo e a humildade das outras pessoas de ajudar também.

Artur: – Essa necessidade de criança trabalhar. Eu também já trabalhei quando era criança, a gente na roça não tem isso. Mas hoje não tem mais, criança agora é pra ir pra escola pra estudar [...].

P: Qual a sua opinião sobre a temática da obra; trabalho infantil escravo?

EDUCANDÁRIO

Nicole, 10 anos: – Muito ruim. Acho que ninguém devia praticar. Que todas as crianças pra mim deviam estar na escola.

Bruno, 10 anos: – Tipo assim, o tema é pra mostrar para as pessoas que todo mundo tem seus direitos e as crianças também.

Andressa, 14 anos: – Foi tipo que meio incompreensivo porque ele não deveria ir trabalhar nesta idade. Acho legal ter falado neste tema para as pessoas se tocarem.

Lara, 14 anos: – É uma realidade que a gente convive ainda aqui no nosso dia a dia e tal, uma coisa que a gente tem que vencer, mas é uma coisa ainda bastante comum.

CREJA

Jorge: – Eu acho que isto aí deveria ter uma punição mais séria porque eu acho que criança não é para trabalhar [...] aqui no Brasil mesmo, eu acredito que ainda existe isto, o trabalho escravo, muito escondido, até mesmo no interior. Então as autoridades, não sei se tomam conhecimento ou se finge não ver nada, né? [...]. Então eu acho que deveria ter tipo uma fiscalização nestas empresas, nestes plantios por aí afora porque existe muito disto por aí, para acabar com isto de vez [...].

Antônio: – Acho que os pais deveria dar mais atenção para as crianças [...]. Eu acho que realmente o estudo é essencial para todo ser humano. O estudo faz uma falta [...]. Até um tempo deste eu era cego [...] a gente não sabe lê, a gente é cego.

Aldanere: – Acho que toda criança deve estudar e que o trabalho infantil é muito errado. Achei interessante a peça porque me fez lembrar da minha vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “A escola vai à ópera”, que tem como público-alvo a rede pública de ensino, é totalmente desenvolvido por alunos de graduação e pós-graduação (Escola de Música, Escola de Belas Artes, Escola de Comunicação da UFRJ), tendo ainda a participação do projeto de extensão universitária denominado Coral Infantil da UFRJ, integrando extensão, ensino e pesquisa. Na área da extensão, ressaltamos a participação do Coral Infantil da UFRJ e o público-alvo (crianças da rede pública de ensino). Na área de ensino, destacamos a participação de alunos de graduação e pós-graduação, que têm a oportunidade de colocar em prática os

saberes desenvolvidos em seus cursos. Em relação à pesquisa, destacamos a pesquisa de época para construção da performance, figurino, cenário, iluminação e direção cênica.

O impacto na vida dos estudantes que participam do projeto é extremamente relevante, uma vez que, além de colocar em prática os conhecimentos adquiridos em seus respectivos cursos, têm a oportunidade de criar e buscar soluções inovadoras para cada problema que surge durante a execução do projeto, aprendem a trabalhar em equipe, entram em contato direto com o público e auxiliam no processo de transformação sociocultural das crianças que participam do projeto. Todo este processo contribui de maneira extremamente positiva na formação técnica – científica – pessoal e social, além de fazer parte da integralização do currículo dos alunos de graduação.

Em relação ao impacto social, o projeto se propõe a dar oportunidade a crianças da rede pública de ensino do Município do Rio de Janeiro, de entrarem em contato com uma linguagem musical, normalmente desconhecida para elas. O acesso a novos fazeres artísticos amplia a visão de mundo destas crianças, desperta talentos, contribuindo para transformações socioculturais. Joffre Dumazedier (2004), sociólogo francês, defende que as atividades de lazer são portas poderosas para estas transformações socioculturais, o que reafirma a importância de todas as crianças terem acesso às diferentes linguagens artísticas, conforme prescrito nos PCNs de Artes.

As opiniões dos entrevistados sobre o espetáculo e a temática da obra nos revelam que houve um envolvimento com o tema trabalho infantil escravo. Alguns alunos descreveram experiências vividas enquanto crianças, comparando-as com o tema da ópera assistida. Este tipo de apreciação musical, segundo Kebach (2009, p.99), evidencia uma escuta ativa com envolvimento do indivíduo descrevendo seus sentimentos. Percebemos um envolvimento com a temática da ópera e a sensação de pertencimento à realidade retratada em comparação com suas histórias de vida e, portanto, uma apreciação significativa em música.

- A ópera *O limpador de chaminés* foi ouvida pelos alunos de maneira intencional porque já haviam sido previamente informados sobre a temática e estavam concentrados mentalmente para participar do espetáculo. O “ouvir” foi a atividade principal, e a parte encenada só contribuiu para que houvesse uma maior compreensão.
- Observamos que o ouvir com atenção focada e envolvimento emocional possibilitou aos alunos expressar verbalmente suas emoções relacionadas ao espetáculo, emoções que foram compartilhadas com o professor de música e demais professores da instituição com os quais tivemos a oportunidade de conversar.

- O projeto “A escola vai à ópera” oportunizou aos alunos um “ouvir música” significativo que lhes permitiu externar suas expressões emocionais, suas ideias acerca do gênero ópera e do tema trabalho infantil escravo de maneira crítica e criativa.

Desta forma, concluímos que o projeto “A escola vai à ópera”, promove integração acadêmica e social, unindo ensino, pesquisa e extensão, e pode ser entendido como valioso instrumento de ação pedagógica e inclusão social para todos os que dele participam, promovendo uma ação extremamente positiva e contribuindo para formação não apenas de nossos alunos como também daqueles a quem o projeto é direcionado, através de uma escuta ativa e significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. *Pedagogia da música: experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 27/08/14.
- BRASIL. Lei nº 11.769, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>. Acesso em: 27/08/14.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares nacionais (1ª a 4ª séries). Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares nacionais: Arte (5ª a 8ª séries). Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- FONTEARRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: ensaios sobre música e educação*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- JUSLIN, Patrick N.; PERSON, Roland. Emotional communication. In: PARNCUTT, Richard; MCPHERSON, Gary (Orgs.). *The science and psychology of music performance: strategies for teaching and learning*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 219-236.
- REIS, Ana Claudia; CHEVITARESE, Maria José. A escola vai à ópera. *Anais IX Encontro Regional Sudeste da ABEM*, Vitória, 2014. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/regional_sudeste/regional_sudeste/paper/view/940/291>.
- SOBREIRA, Sílvia. Reflexões sobre a obrigatoriedade da música nas escolas públicas. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 20, set. 2008, p. 45-52.

Recebido em: 30.06.2016

Aceito em 28.09.2017